

COR DE JENIPAPO A TINTURA DAS PALAVRAS DESENHANDO AMAZÔNIAS

Ivânia Maria Carneiro Vieira¹

RESUMO: A literatura produzida sobre a Amazônia exprime os antagonismos do *paraíso-inferno* desde os relatos feitos pelos primeiros cronistas até os da pós-modernidade em um campo tão vasto de significados quanto o é a ideia hegemônica de território que conformiza o lugar Amazônia. Este artigo² explora possibilidades de encontros de impressões, convergências e divergências sobre produções imaginárias dos lugares da Amazônia e dos povos amazônicos a partir do romance “*Nove Noites*”, de Bernardo Carvalho, em conversa com outras obras e relatos jornalísticos.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia, Literatura, Povos indígenas, Linguagens e Percepções.

ABSTRACT: The literature produced on the Amazon expresses the antagonisms of hell-paradise from the accounts made by the early chroniclers to those of postmodernity in such a vast field of meanings as is the hegemonic idea of territory that conforms the Amazonian place. This article explores possibilities of encounters of impressions, convergences and divergences on imaginary productions of the places of the Amazon and of the Amazonian peoples from the novel *Nine Nights*, by Bernardo Carvalho, in conversation with other works and journalistic reports.

KEYWORDS: Amazon, Literature, Indian people, Languages and perceptions.

¹ Jornalista, doutoranda do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Amazonas (IFCH- UfAM).

INTRODUÇÃO

Dois homens. Estados de guerras atravessando os tempos, cortando almas. Um povo indígena entre centenas de povos. A escolha. Uma região secularmente traduzida a partir nos extremos: *inferno-paraíso*. Um rio Amazonas de interrogações entrelaçadas pelo impacto amazônico provocador de desnorтеações, palco e arena das pré-noções constituídas desde os primeiros viajantes aos realizadores de conhecimento científico e de saberes na contemporaneidade. Uma trama onde são tecidas outras tramas de um real imaginado, para ser traduzido, revestido e completado como fotografia literário-científica da Amazônia.

Um romance. Ficção ou realidade? O que aproxima o jornalista e romancista carioca Bernardo Carvalho, nascido em setembro de 1960, do antropólogo norte-americano Buell Quain que supostamente se matou em 2 de agosto de 1939, aos 27 anos, quando iniciava os estudos com os Krahô “no interior da selva amazônica”? Inúmeras são as tentativas de respostas em vários formatos e, todas, parecem vestidas de pontos seguidos, da exigência permanente de outros olhares participantes ativos na recepção das coisas. Não há consenso. Eu, encarnando as minhas interrogações, juntei-me a outras a partir da leitura indicada de “Nove Noites” (Carvalho, 2002). E é esse livro o aparente ponto de partida deste texto, do fio de impasses e de inquietações por ele revelado: Qual direção a ser dada para os outros textos entrelaçados na história de Bernardo Carvalho? São muitas as vozes ouvidas até mesmo àquelas silenciadas na obra – como as dos indígenas - no folhear das páginas nesse movimento multidirecional de leitura. Tomo emprestada a afirmação feita pelo do autor do romance - “a literatura quem faz é a gente” – para seguir mediada pela inquietação cartesiana de querer saber o fim da história.

ARMAS PARA O JORNALISMO

Da narrativa labiríntica, como Carvalho classifica o estilo de “Nove Noites”, à agonia do *escritor-personagem* na busca de respostas para além do etnólogo suicida aparecem instrumentos tão reclamados na atualidade no exercício cotidiano da reportagem (embora o autor do romance seja jornalista, ele adverte que o livro não é ensaio jornalístico). E pode ser se assim for recepcionado.

Para o jornalismo estão as pistas de confecção da rede de fontes, o manuseio delas, a disposição de ir ao lugar do acontecimento, o esforço para *reencontrar*, 62 anos depois do fato (o suicídio de Buell Quain), as pessoas, as pistas e outras referências, os lugares. E os não-

lugares na perspectiva proposta por Augé (1994), *como um espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer tipo de identidade* ao mesmo tempo em que as marcas dele se faz sentir nos corpos descritos. “Nove Noites” traz à tona atitudes reivindicadas diante de um modelo preferencial de Jornalismo em profunda crise impactado pelas novas mídias, filhas da globalização. Ter vontade de saber, eleger as fontes, as buscas, observar e confrontar dados, descobrir para melhor cobrir são peças do contar bem uma história. E norteiam a boa prática jornalística. O livro de Bernardo Carvalho traduz uma opção de manejo desses arranjos no texto jornalístico ao ponto de o seu romance ser também identificado por alguns analistas como expressão da reportagem investigativa. A polêmica posterior, se é ou não reportagem investigativa, torna-se insignificante diante do legado construído em “Nove Noites” para o jornalismo e os jornalistas.

Cartas, gravadores, cadernos de anotações de um jornalista e de um etnólogo reatam diálogos esparsos com Janet Malcolm em “O jornalista e o assassino” (1990) e com as velhas-novas questões de passagens que o jornalismo costuma abandonar pelo caminho. Em seus relatos, Malcolm questiona: *“O que é que acontece depois? Onde é que está o centro das coisas? Por que é que não ficamos lá? Será que algum dia voltaremos para lá?”*. Repórter da revista *New Yorker*, Janet Malcolm tomou conhecimento de uma notícia sobre um homem condenado à prisão perpétua que decide processar um jornalista. É esse detalhe que desperta a atenção da jornalista obcecada por conhecer os motivos que levaram uma pessoa condenada à morte a processar um jornalista. Na busca de respostas, Malcolm faz nascer a publicação ainda hoje uma das referências na discussão sobre a ética jornalística.

O jornalista denunciado é Joe McGinniss, e, o condenado, o médico Jeffrey MacDonald, acusado de ter assassinado a mulher e as duas filhas, nos anos 1980. Por quatro anos, o repórter entrevistou o preso e, em nenhuma dessas entrevistas, MacDonald admitia a autoria dos crimes. Ao saber da publicação do livro produzido pelo jornalista como resultado dessas visitas ao presídio, MacDonald sentiu-se violado e processou o repórter. O assunto virou notícia que virou livro nas mãos de Janet Malcolm. Bernardo Carvalho faz romance jornalístico. As duas publicações, em suas categorias, são criações da literatura que discute a condição humana. As ferramentas de um e de outro se juntam a partir da necessidade de completar um exercício literário que imbrica ficção e realidade na matriz cotidiana da vida elaborada pelos relatos dos humanos a partir de escolhas e sujeições.

OS ELOS COM UMA TERRA ESTRANHA

O que está em alteração na concepção da Amazônia feita pelos viajantes entre os séculos XIV e XVIII da dos cronistas do século XX é o determinismo científico. Em convulsão, a ciência impõe a urgência da revisão, da postura de acolhimentos daquilo até então expurgado como ‘não ciência’, e da religação dos saberes numa nova aliança da ciência para que os cronistas deste século articulem e escrevam novos relatos.

Na primeira viagem, os relatos chamam a atenção à fauna, à flora, às riquezas naturais, as populações vistas de longe e por um olhar marcadamente eurocêntrico, classificatório das coisas do mundo, de um novo mundo em “*descobrimientos*” e pelo qual se forjou a ideia central de Amazônia que não deve ser *a priori* rechaçada e sim compreendida a partir do lugar de quem a viu e a traduziu (PINTO, 2006) para, a partir dessa primeira elaboração conhecida e imposta nos mais duradouros processos de aprendizagens, instaurar outros pensamentos que deem conta das emergências suscitadas em torno do lugar da Amazônia no imaginário das ciências.

A Amazônia euclidiana expõe, no início do século passado, a agonia do criador e da criatura que irá se revelar em Quain (1939) e Carvalho (2002). Entre distâncias e proximidades, Euclides da Cunha recorre a um Judas Asvero para contar, em 1905, um pouco do que viu na floresta como chefe da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus. Eis uma tradução euclidiana da vida dos seringueiros da região do Alto Purus:

E o monstro, lento e lento, num transfigurar-se insensível, vai-se tornando em homem. Pelo menos a ilusão é empolgante... Repentinamente o bronco estatuário tem um gesto mais comovedor do que o parla! ansiosíssimo, de Miguel-Ângelo: arranca o seu próprio sombreiro; atira-o à cabeça do Judas; e os filhinhos todos recuam, num grito, vendo retratar-se na figura desengonçada e sinistra o vulto do seu próprio pai. É um doloroso triunfo. O sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem. Vinga-se de si mesmo: pune-se, afinal, da ambição maldita que o levou àquela terra; e desafrenta-se da fraqueza moral que lhe parte os ímpetos da rebeldia recalçando-o cada vez mais ao plano inferior da vida decaída onde a credulidade infantil o jungiu, escravo, à gleba empantanada dos traficantes, que o iludiram. Isto, porém, não lhe satisfaz. A imagem material da sua desdita não deve permanecer inútil num exíguo terreiro de barraca, afogada na espessura impenetrável, que furta o quadro de suas mágoas, perpétuamente anônimas, aos próprios olhos de Deus. O rio que lhe passa à porta é uma estrada para tôda a Terra. Que a Terra tôda contemple o seu infortúnio, o seu exaspêro cruciante, a sua desvalia, o seu aniquilamento iníquo, exteriorizados, golpeantemente, e propalados por um estranho e mudo pregoeiro.

Buell Quain vê os Trumai, o povo que primeiro pesquisou no Brasil, como “chatos e sujos” na citação feita por Carvalho (2002, p.14):

Dormem cerca de onze horas por noite (um sono atormentado pelo medo) e duas horas por dia. Não têm nada mais importante a fazer além de me vigiar. Uma criança de oito ou nove anos parece já saber tudo que precisava na vida. (...). Não gosto deles. Não gosto de ser besuntado com pintura corporal. (...). Se essas pessoas fossem bonitas, não me incomodaria tanto, mas são as pessoas mais feias do Coliseu.

Como antropólogo, Quain é implacável em suas sentenças ao olhar e traduzir o desconhecido contatado:

Todos os índios do Kurisevo são cleptomaníacos nas suas relações com estranhos: eles roubaram todas as minhas roupas, de modo que tive de improvisar trajes sumários com o mosquiteiro.); (..) A casa que eles fizeram para mim é uma aberração arquitetônica - eles viram as casas dos missionários (a dez ou quinze dias daqui, subindo o rio) e quiseram fazer uma igual para mim; eu queria uma casa Trumai. (...) Consolo-me a respeito da pobreza da cultura Trumai lembrando o valor histórico da pesquisa. Também a personalidade, subdesenvolvida e incontrolável, contrasta fortemente com Fij. (em carta de campo da aldeia Trumai enviada a Ruth Benedict, em 15 de setembro de 1938, apud Mariza Corrêa e Januária Mello, 2008).

Os índios, o Brasil, as cidades brasileiras, a partir do Rio de Janeiro, são uma espécie de aberração para o etnólogo. Carolina, a cidade para onde sua agonia o levou, é um “*lugar tedioso – analfabetos e intelectuais (...). Há um monte de coisas sobre os brasileiros e as cidades brasileiras que me dão vontade de tirar a roupa e me masturbar em praça pública (...). Seriamente, não dá para ser honesto*” (Carvalho, pág.26).

Bernardo Carvalho ao fazer o caminho de volta, seis décadas depois, encontra uma Carolina como “*um lugar morto (...)* que tem uma tranqüila decadência e abandono” (pág. 67) e não é menos implacável ao tratar do que denomina de relação de dependência dos indígenas: “*(...) Na aldeia, você é a criança deles; na cidade, eles são a sua criança (...). São órfãos da civilização. Estão abandonados. Precisam de alianças no mundo dos brancos, um mundo que eles tentam entender com esforço e em geral em vão*” (pág. 97).

O jornalista-romancista vê os índios como cidadão de segunda classe no País e com desconfiança generalizada: “*Você nunca sabe se os índios estão inventando ou dizendo a verdade. Não dá para confiar em nada. O cara te diz uma coisa hoje, depois é outra completamente diferente. É uma forma de narrar estranha, você não sabe se ele está querendo agradecer, se está dizendo aquilo só porque acha que você quer ouvir. O fato é que você nunca sabe onde está pisando. De certa maneira, esse livro (“Nove Noites”) é uma literatura à maneira dos índios*” (em

entrevista ao jornalista Flávio Moura, do site Eduquenet.net; <http://www.eduquenet.net>., acessada em 10/08/2013).

Na década de 1970, um filho de Barra do Garças, da aldeia Namurunjá, no Estado do Mato Grosso, o xavante Mário Juruna ganhou popularidade nacional ao percorrer os íngremes caminhos do poder em Brasília carregando um gravador “*para registrar tudo o que o branco diz*”. Juruna lutava pela garantia das terras indígenas. Descobriu que o branco, as autoridades, quase sempre não cumpriam com o que se comprometeram. Descobriu que do lado de cá “*não dá para confiar (...) nos caras*”. “Nove Noites” é também uma literatura à maneira dos brancos sobre os índios do Brasil e, no recorte da ciência produzida, sobre os índios da Amazônia Legal.

A Amazônia é o *inferno-paráiso* de Euclides, Quain e Carvalho. As tragédias familiares que carregam se misturam nos cenários do que viram e do que viveram na *terra estranha* e são a tinta que desenha as palavras anotadas das histórias por eles vividas além desse lugar de passagem. Quem é, hoje, o Judas Asvero? A vingança do seringueiro e o próprio seringueiro abandonado como um boneco a ser açoitado em um ritual até à fragmentação total. O Euclides viajante, pai amoroso e marido distante, morto em agosto de 1909, numa troca de tiros com o amante e pai de um dos filhos da esposa Ana, Dilermando de Assis?

Nas cartas, o antropólogo norte-americano descreve a agonia de uma existência. É o “*Cãmtwyon*” - a casa do caracol e o seu fardo no mundo – compara Carvalho (p. 72), e o rastro do qual não tem como fugir, nem mesmo embrenhando-se no interior da “selva” do outro lado do mundo. A “aberração” está nele. A doença, imaginária ou real, a disputa pelo dinheiro, a traição, a desconfiança e uma família aparentemente separada mais que o divórcio, a instabilidade no Brasil do Estado Novo e de pseudoneutralidade, e um mundo caminhando para viver, em seguida, o seu pesadelo maior – a Segunda Guerra – pareciam apressar o desmonte do paraíso de Quain que ainda encontrou “*um lugar encantador*” para fazer a morada e a fez ao se enforcar, tomando, antes, providências para indicar o mesmo local em que deveria ser enterrado. Muito longe da sua ilha mágica, Fuji. Ou quem sabe, ele por completo era a ilha agonizante que no seu próprio inferno descobriu um pedacinho do paraíso perseguido e decidiu ficar nele para sempre.

O Bernardo Carvalho romancista encontrou uma referência ao suicídio de Buell Quain em um artigo publicado em um jornal, em maio de 2001 e, desde então, como Janet

Malcolm, não mais parou de procurar respostas até fazer nascer “Nove Noites”. Os pais de Bernardo se separaram quando ele ainda era um menino e foi nessa condição que viveu peripécias de todas as ordens no interior do Norte do Brasil. O pai, apresentado por ele como um mulherengo, amante incontrolável, fazia negócios nessa parte do País adquirindo terras e criando gado sob as bênçãos dos governos:

Meu pai tinha fama. Perdeu o equilíbrio de sua perversão, entre o sadismo e o masoquismo, no dia em que sempre atraído pelo mais baixo, acabou se aproximando de gente pior do que ele” (pág. 122). “(...) O pior era de ter de entrar à força no apartamento de meu pai (de posse de um mandato judicial), acompanhado de um oficial de Justiça (e, se preciso, da polícia), de um médico e de dois enfermeiros, tirar meu pai da cama (...) metê-lo numa ambulância e levá-lo para São Paulo. (...) Não sei quanto o meu pai entendia. A expressão dos meus olhos podia ser tanto de incompreensão como de pavor. Às vezes, não sei o que eu fiz e não sei se me arrependo(pág.126).

Um dos lugares em que Carvalho e o pai estiveram, numa dessas viagens, foi Barra do Garças, “*uma cidade qualquer do interior de Mato Grosso (...) a caminho das fazendas*” (pág. 122). É provável que nessa época, Apoená ou Apoenã, pai de Juruna e líder máximo dos xavantes, estivesse vivendo a agonia de ver as terras e os bens do seu povo usurpados pelos brancos em nome de um projeto de civilização e desenvolvimento.

O estilo de “Nove Noites” entrelaça Bernardo Carvalho e Buell Quain em um corpo na viagem à Amazônia, vigiados por um Manoel Perna, narrador diferenciado na narração, espectador e parte da trama. Ajudado por Quain que se refere a ele como bom amigo, e por Carvalho, que nessa obra onde os índios, como os seringueiros de Euclides, não têm voz, o distinguiu como uma das vozes principais, outorgando-lhe um outro título, de barbeiro a engenheiro: “*No livro ele aparece como engenheiro. Na verdade, ele era barbeiro. Mas achei que ia ficar muito inverossímil, ele escrevendo daquele jeito empolado com essa profissão*”, afirma Carvalho, em entrevista ao jornalista Flávio Moura, já mencionada. No Brasil-colônia, determinados serviços prestados foram compensados com títulos forjando nobres e um certo modelo de nobreza nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carolina, a cidade morta de Quain, ou de decadente abandono de Carvalho, é o “*paraíso das águas*” na apresentação oficial do lugar para o mundo. O Índice de Desenvolvimento Humano do Município (IDHm) é de 0,634, muito próximo aos dos municípios amazonenses de Apuí (0,637) e de Silves (0,632) e dos IDHs dos Estados de Alagoas (0,631) e do Maranhão (0,639), de acordo com dados de 2010 do relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), divulgado no dia 30 de julho de 2013.

A luta pela terra é uma das marcas na vida dos Krahô. Os relatos sobre esse povo indicam que em algum momento eles se uniram aos Kanela para formar os Krahô-Kanela e habitavam a “Mata Alagada”, no entorno da Ilha do Bananal, no Município Lagoa da Confusão, ao sul do atual Estado do Tocantins. Viveram longos conflitos com os fazendeiros da região; foram expulsos e passaram a habitar área próxima a Ilha do Bananal. A vida desses povos tem sido vivida sob o regime da expulsão: em 1987, a Fundação Nacional dos Índios (Funai) os remove para o Parque Indígena do Araguaia; em 1999, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) os transfere para o Município de Araguacema, à margem do rio Araguaia; em 2001, são remanejados para o projeto de Assentamento “Loroti”, no Município de Dueré, onde teriam tido a primeira convivência com integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Os Krahô-Kanela chegaram a integrar uma lista de etnias desaparecidas e, se não há povo, não há terra; se há povo, ainda é necessário morrer para ter direito à terra.

Uma notícia publicada pelo “Portal Vermelho” de responsabilidade do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) (no endereço: <http://www.vrmelho.org.br>, acesso em 7 de agosto de 2013), destaca “*Indígenas continuam a luta por suas terras*”, e atualiza as batalhas travadas pelos Krahô-Kanela atravessadas nos séculos pela retomada de um território tradicional. Voltar ao paraíso deles, esquarterado pelos desbravadores brancos da civilização, é desafio a corações e mentes atormentadas pelas miragens produzidas nos multi ambientes amazônicos. As anotações de campo de Buell Quain ajudariam?

“Nove Noites” reapresenta o paradoxo da Amazônia do qual a região parece não conseguir escapar na saga dos cronistas. Falta criar palavras que dêem conta de decifrar na complexidade o que a região guarda e desafia os seus visitantes. Talvez porque a literatura, mesmo avançando e se soltando das amarras ainda não tenha conseguido produzir a escrita da

liberdade de mostrar a Amazônia numa invenção que exige percorrer outras trilhas por meio das quais as águas fartas dos rios desenham em combinações com a floresta histórias em cores tão distintas.

O geógrafo e estudioso das cidades amazônicas José Aldemir de Oliveira resume outra face desse lugar em “A Igreja Arma a sua Tenda na Amazônia”: *“Ninguém deve chorar por nós, porque a Amazônia não é um funeral (...). É uma festa, mesmo quando estamos sepultando nossos mortos (...). As pessoas fazem jardim, pois sabem que apesar dos espinhos, as flores um dia brotarão”* (2000, p.175).

Atravessamentos - Na primeira escrita deste texto, em 2013, a TV Globo anunciava o contato feito por funcionários da Fundação Nacional do Índio (Funai) com índios isolados. Informava (em 13 de agosto, na edição da revista eletrônica “Jornal Hoje”) se tratar de um grupo da etnia Kawahiva que vive no Município Colniza, na divisa dos Estados do Mato Grosso e Amazonas. Em abril de 2017, dez pessoas entre as quais idosos e crianças foram assassinadas em um assentamento em Colniza (MT), a 1.065 km de Cuiabá, próximo ao distrito de Guariba, na gleba Taquaruçu do Norte; O jornal diário A CRÍTICA, de Manaus (AM), registra na página do caderno de cultura, (BV1), edição de 15 de agosto deste ano que o romance de Milton Hatoum “*Órfãos do Eldorado*” (Companhia das Letras, 2008), estava sendo adaptado para o cinema. Hatoum está volta à cena nove anos depois com o primeiro livro da trilogia “O Lugar Mais Sombrio”. Em “A Noite da Espera” (2017), o escritor amazonense fala da juventude e os anos da ditadura no Brasil. Neste momento, é possível que um jovem estudante norte-americano ou europeu também esteja em um avião, excitado, porque pela primeira vez estará em um pedaço da Amazônia, fisgado por um detalhe, para “*conhecer os índios do Brasil*”, uma árvore, a chuva, os rios... e, de suas anotações, poderão ser reelaboradas as impressões sobre o *viver* e o *ser* Amazônia. Reconhecer e Respeitar. Desta vez quem sabe as fricções avancem e delas as vozes aprisionadas ora pelo romance ora pela ciência e pelo jornalismo sejam percebidas, resgatadas e libertadas para ocuparem seus lugares na literatura e no jornalismo tingindo a escrita da vida amazônica com o tom demarcador da cor do jenipapo.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. Não-lugares – Introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Editora Letra Livre, São Paulo, 2012;

CARVALHO, Bernardo. Nove Noites. Companhia das Letras (edição de bolso), São Paulo, 2002; Entrevista a Flávio Moura, do site Eduquenet Disponível em: <<http://www.eduquenet.net>.> Acesso em: 10 ago 2013

CUNHA, Euclides. À margem da história. Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro Disponível em: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>> Acesso em: 12 ago 2013.

CORRÊA, Mariza, Mello, Januária (orgs.). Querida Heloísa/Dear Heloisa – cartas de campos para Heloísa Alberto Torres. Núcleo de Estudo de Gênero Pagu, Série Pequisa, Unicamp, 2008;

MALCOLM, Janet. O jornalista e o assassino – uma questão de ética. Companhia das Letras (edição de bolso), São Paulo, 2011;

OLIVEIRA, José Aldemir; Guidotti, Humberto Pe (orgs.). A Igreja Arma sua Tenda na Amazônia, Edua, Manaus, 2000.

PINTO, Renan Freitas. Viagem das Ideias, Editora Valer, Manaus, 2006

Portal Vermelho – Disponível em:<<http://www.vrmelho.org.br>> Acesso em 7 ago 2013

-

² Esta é uma versão parcialmente alterada do texto apresentado em 15 de agosto de 2013 como parte dos requisitos para avaliação final da Atividade Programada I – Textos Literários e a Cultura Brasileira.